



Recebido em 08/12/2024

Aceito em 31/01/2025

DOI: 10.26512/emtempos.v24i46.56413

ARTIGO

Vaquejada de Currais Novos/RN: a elaboração discursiva de uma tradição (1975-1977)

Vaquejada of Currais Novos/RN: the discursive elaboration of a tradition (1975-1977)

Fabiana Alves Dantas

Doutoranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<https://orcid.org/0000-0002-3543-5341>

RESUMO: Neste artigo, investiga-se a elaboração discursiva acerca da vaquejada do município de Currais Novos, localizado no estado do Rio Grande do Norte, em publicações periódicas de 1975 a 1977, utilizando-se referências teóricas da História Cultural sobre o uso de jornais e revistas na pesquisa histórica. Identificou-se que tal elaboração sobre o evento ocorreu concomitantemente aos esforços de agentes das esferas política e econômica local para consolidá-lo como uma festa de caráter tradicional e, por isso, ele pode ser entendido como uma tradição inventada. A noção de tradição passou a mobilizar elementos de um passado histórico a fim de justificar uma nova prática dotada de novas finalidades, nesse caso, a promoção de uma festa consolidada como atração turística do município.

PALAVRAS-CHAVE: Currais Novos. Imprensa. Tradição.

ABSTRACT: In this article, we investigate the discursive elaboration about the vaquejada in the municipality of Currais Novos, located in the state of Rio Grande do Norte in periodical publications from 1975 to 1977, using theoretical references from Cultural History about the use of press in historical research. It was identified that such elaboration about the event occurred concomitantly with the efforts of agents from the local political and economic spheres to consolidate it as a traditional party and, therefore, it can be understood as an invented tradition. The notion of tradition began to mobilize elements from a historical past in order to justify a new practice with new purposes, in this case, the promotion of a party consolidated as a tourist attraction in the municipality.

KEYWORDS: Currais Novos. Press. Tradition.

Considerações iniciais

Vaquejada: palavra que pode significar tanto a prática da derruba ligada ao momento de apartação de gado que ocorria nas antigas fazendas destinadas à pecuária no recorte espacial do sertão, bem como o evento que, no presente, reproduz essa prática de forma festiva em muitos lugares do país, destacando-se a região Nordeste (Faria, 1993). Neste artigo, focaliza-se o segundo sentido, objetivando-se a investigação de como a vaquejada tornou-se um evento dotado de um significado ligado à noção de tradição. Cabe ressaltar desde já que, na historiografia, essa noção tem sido associada à ideia de invenção, uma vez que as práticas que passam a ser entendidas como tal não são naturais, mas elaboradas de diferentes maneiras. Considere-se a definição apresentada pelo historiador Eric Hobsbawm (2008) na introdução da obra “A invenção das tradições”, na qual ele destaca o aspecto de invenção ora mencionado:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (Hobsbawm, 2008, p. 9).

Desse modo, a investigação da vaquejada como tradição inventada é feita direcionando atenção para o evento que ocorre anualmente no município de Currais Novos, situado no interior do estado do Rio Grande do Norte. A vaquejada currais-novense é conhecida pelo grande porte e potencial turístico, ambos associados ao discurso que a aponta como um evento tradicional. Veja-se como exemplo disso as palavras do historiador diletante Celestino Alves em sua obra a respeito do tema:

Alguém já tem perguntado: Porque Currais Novos tem tanto público na vaquejada? Eu normalmente respondo: porque Currais Novos é o berço das vaquejadas do Nordeste. Currais Novos chama-se “currais”, porque foram os currais que deram origem à cidade; esses currais foram feitos em 1760, já para apartação e feira de gado. Portanto, se nossas origens foram os currais, se os nossos ancestrais foram vaqueiros, porque não gostamos de vaquejada? É exatamente por esta razão que todo curraisnovense gosta de vaquejada e vai mesmo assistir (Alves, 1986, p. 48).

Em razão da maneira como o conceito de tradição é hoje compreendido no campo historiográfico, como já exposto, os historiadores costumam desconfiar do que é apresentado como algo tradicional. Assim, o interesse em perscrutar tal questão foi aguçado quando verificou-se a existência de alguns anúncios da vaquejada currais-novense no jornal Diário de Natal e em dois exemplares da Revista de Currais Novos, datados de 1975 e 1977. Tais anúncios apontavam para

uma elaboração discursiva deste evento como uma festa tradicional, o que levou à escolha de tais fontes para abordar o assunto.

Trabalha-se, portanto, com publicações periódicas de circulação local, estabelecendo-se um diálogo com autores que discorrem sobre o uso da imprensa como fonte para a pesquisa histórica (Barbosa, 2010; Cruz; Peixoto, 2007; Martins; Luca, 2006; Martins, 2008). O Diário de Natal, fundado por Assis Chateaubriand e ligado ao grupo Diários Associados, era de circulação estadual; já a Revista de Currais Novos, organizada por empresários locais, foi publicada apenas em âmbito municipal, focalizando Currais Novos como tema. No caso do primeiro, encontra-se publicado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional; já os exemplares da revista fazem parte do acervo pessoal da autora. Quanto ao recorte temporal da pesquisa, justifica-se pelo conteúdo analisado, pois ele aponta para um momento decisivo em 1975, quando retomava-se a vaquejada currais-novense após treze anos sem que ela ocorresse, elaborando-se, a partir de então, o discurso de que tratar-se-ia de um importante evento ligado à “tradição popular” do “esporte sertanejo” (Conheça todos os detalhes da VI Vaquejada de Currais Novos, 1977, n. 2, p. 14). A análise de tais fontes ampara a discussão sobre como esse discurso foi elaborado e difundido pela imprensa local e ajuda a elucidar que o evento dito tradicional só é entendido desta forma porque houve, em um determinado momento, um interesse de determinados agentes históricos em torná-lo uma grande festa associada a um discurso identitário.

Espera-se, com este trabalho, gerar uma contribuição ao partir da compreensão de que o tema da vaquejada, ao ser estudado no âmbito acadêmico, deve ser abordado distanciando-se do ponto de vista folclorista que caracteriza boa parte da produção sobre o assunto, marcada por um tipo de análise estática e romântica, como afirma Eriosvaldo Lima Barbosa (2006). Luís da Câmara Cascudo (1969) é um dos mais conhecidos representantes dessa vertente, embora caiba ressaltar as contribuições desse erudito para o conhecimento acerca da origem da prática ora discutida. Além disso, vale ressaltar o quanto o assunto passou a ser debatido nos últimos anos no Brasil, especialmente a partir da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de declarar constitucional uma lei estadual do Ceará que regulamentava a prática, gerando, no ano de 2016, a mobilização de vaqueiros e outros trabalhadores envolvidos com as vaquejadas em manifestação (Vaqueiros ocupam Esplanada em ato contra proibição de vaquejadas, 2016, n.p.).

Quanto à organização do artigo, a discussão inicia com uma abordagem acerca da história da vaquejada nordestina, identificando sua origem na atividade pecuária praticada no interior do país durante o período colonial. Em seguida, apresenta-se especificamente a história da vaquejada de Currais Novos, elucidando o contexto histórico de seu aparecimento enquanto uma festa de grande porte e a elaboração discursiva que a imprensa local realizou em torno da ideia de uma tradição sertaneja. Conclui-se com algumas reflexões finais, destacando-se a observação de uma insistência no argumento que apela para a noção de tradição, presente no discurso ora analisado.

Breve história da vaquejada nordestina

A origem da vaquejada nordestina está na pecuária desenvolvida nos sertões durante o período colonial, devido à expansão da colonização para o interior das terras que hoje constituem o Brasil. A criação de gado desenvolveu-se no sertão como atividade secundária, que fornecia alimento para a força de trabalho empregada na produção açucareira para exportação e aproveitamento da matéria-prima em outros setores, como aponta Eloísa Maria de Faria (1993), autora que também indica como o aumento quantitativo na criação de gado produziu uma nova fonte econômica. Graças a esse aumento, espaços interioranos foram desenvolvendo-se com base na criação de gado, gerando áreas povoadas por agentes a serviço da colonização.

Os autores Eloísa Maria de Faria (1993) e Eriosvaldo Lima Barbosa (2006) apontam em seus trabalhos que a prática da derruba ocorria associada à apartação do gado nessas áreas, pois, nas antigas fazendas de criação do período de ocupação dos sertões, não havia cercas para marcar a divisão das terras, criando-se o gado de muitos proprietários juntos. Em razão disso, anualmente, ocorria a apartação, ou seja, a separação dos gados de cada um. Assim, vê-se que a derruba ocorria a partir da “necessidade da apartação, entre a pegada do gado e a remoção às fazendas de seus donos” (Faria, 1993, p. 20). A vaquejada surgiu a partir desse contexto. Conforme a citação abaixo, é possível observar que ela, como evento, surgiu inspirada na antiga prática da derruba:

Nota-se que a vaquejada, festa da derruba, decorreu das apartações: era um momento oportuno, acontecia justamente com atividade funcional e rotineira do vaqueiro. Nesses tempos a pegada dava-se em campos fechados (no meio das caatingas) e em seguida a derruba, no pátio destinado a reunião da boiada, também um espaço aberto sem limites e cercas (Faria, 1993, p. 17-18).

É interessante refletir sobre o que tornou possível transformar em evento de grande porte uma atividade ligada ao labor de trabalhadores da pecuária. Desde o início, atribuía-se ao momento da apartação um caráter de brincadeira. Tal brincadeira era associada à valorização de habilidades, nesse caso, a habilidade do vaqueiro perante árduas condições de vida em um sertão “ameaçado com problemas reais de seca, nos quais dão dimensão de sua limitação existencial no cerne da natureza física” (Faria, 1993, p. 23).

Ao estudar a vaquejada a partir de sua lógica como negócio, por meio de suas regras e códigos, Eriosvaldo Lima Barbosa (2009) destaca que foi no período entre 1970 e 1980 que ela passou a ser realizada em pistas de corrida para dar continuidade ao “costume” da época das apartações, o que ocorreu graças à modernização da pecuária. Já a partir de 1990, ainda segundo o mesmo autor, deu-se o surgimento dos parques de vaquejada e da figura do vaqueiro profissional. A vaquejada passou, então, a não depender mais das apartações anuais para acontecer. Embora o caráter lúdico na prática da derruba já existisse em certa medida nas antigas apartações, com a criação dos parques de vaquejada, ela assumiu a forma de um evento relacionado a finalidades comerciais.

Esse surgimento das pistas de corrida marcou, portanto, o desligamento da vaquejada com a função prática pastoril. O evento surgido a partir desse desligamento diferencia-se da derruba praticada no período em que se faziam as apartações anuais, nas quais, diferentemente do que é feito nesses parques criados para a sua realização, os vaqueiros “ficavam à porteira do curral tendo na frente um pátio grande limitado apenas pela vegetação que determinava onde terminava o espaço aberto e onde principiava o campo fechado” (Faria, 1993, p. 24). Por este motivo, Eloísa Maria de Faria (1993) considera as atuais vaquejadas como uma distorção da antiga derruba: “Hoje a derruba, ou melhor, a vaquejada distorcida, dar-se em parques meticulosamente medidos e limitados em um conjunto de regras pré-estabelecidas, e seus corredores se distanciam da condição de vaqueiro” (Faria, 1993, p. 18). Inclusive, foi graças a tais mudanças que o discurso folclorista negou a permanência da vaquejada no presente, reconhecendo-a apenas como prática do passado (Barbosa, 2006).

Assim, nota-se a existência de uma transformação na prática que, quando deixou de existir, pelo fato de a pecuária ter se modernizado, passou a ser realizada de outra maneira, evocando-se o passado da época das apartações ao promovê-la como uma festa associada à noção de uma tradição sertaneja. No momento em que se escreve este artigo, ela passou a ser também uma prática esportiva reconhecida

pela Lei 13873/19, como consta na página da Agência Câmara de Notícias (2019). A partir do estudo da elaboração discursiva em torno da vaquejada currais-novense na imprensa local, busca-se compreender historicamente este percurso, partindo da compreensão de que não se deve entender a continuidade desta prática como algo natural, mas sim algo que foi possível graças às decisões de determinados agentes históricos que passaram a promovê-la como um evento de grande porte.

Vaquejada de Currais Novos/RN: o contexto histórico de sua origem

A história currais-novense está associada ao surgimento das primeiras fazendas criatórias para a pecuária na então capitania do Rio Grande, durante o período colonial. A historiadora Denise Mattos Monteiro (2007) aborda o assunto em seu trabalho “Introdução à história do Rio Grande do Norte”, no qual comenta que, durante a primeira metade do século XVIII, “apenas os mais ricos habitantes da Colônia tinham o capital suficiente para arcar com os custos da montagem das primeiras fazendas criatórias” (Monteiro, 2007, p. 63). Ela destaca o caso currais-novense ao abordar a expansão da pecuária para terras sertanejas:

Foi a partir de meados do século XVIII – por volta de 1750 – que o sertão começou a ser mais povoado pelos colonizadores, quando muitos sesmeiros e grandes posseiros passaram a residir em suas terras, com suas famílias, escravos e trabalhadores, consolidando todo o interior da capitania como território de domínio da Coroa portuguesa. A maioria desses homens acumulava, com a terra, patentes militares de capitães, tenentes e coronéis nas Milícias e nas Ordenanças, que eram, junto com as Tropas de Linha, as forças armadas da capitania, o que lhes concedia, de fato, poder político nas respectivas áreas onde se instalaram. Assim, por exemplo, o coronel Cipriano Lopes Galvão recebeu sesmaria e instalou-se com sua fazenda de gado, por volta de 1755, na região do atual município de Currais Novos, tendo sido o primeiro coronel do Regimento de Cavalaria da Ribeira do Seridó (Monteiro, 2007, p. 63).

Em “Vaqueiros e Vaquejadas”, trabalho publicado em 1986 por Celestino Alves, encontram-se informações sobre as origens da vaquejada em Currais Novos. Elas remetem ao passado da ocupação de terras para o desenvolvimento da atividade pecuarista. A citação a seguir apresenta essa questão, situando esse passado no contexto da história do Rio Grande do Norte:

O Rio Grande do Norte foi uma capitania privilegiada na criação de gado desde a colonização, portanto foi uma Capitania colonizada por vaqueiros; foram os vaqueiros os grandes desbravadores dos sertões norte-rio-grandenses e, muito especialmente, do sertão do Seridó. O Seridó está cheio de contos e lendas de bois e de vaqueiros, os nossos povoadores foram todos criadores e, consequentemente, vaqueiros; eu costumo dizer que não há seridoense que não tenha sangue de vaqueiro. O Seridó é também uma região onde a dignidade e a honestidade é uma tradição, exatamente porque é uma região que foi povoadada por vaqueiros (Alves, 1986, p. 9-10).

Deve-se fazer uma observação quanto à visão romantizada que o trecho acima apresenta em relação a esse passado. No entanto, observa-se que a vaquejada surgiu no Seridó norte-rio-grandense a partir desse processo histórico de colonização dos sertões. Assim, há nesse contexto o registro das antigas apartações mencionadas no tópico anterior, nas quais verifica-se a origem da prática em terras seridoenses, incluindo aquelas onde, atualmente, está situada Currais Novos.

Isto posto, cabe investigar como ocorreu a transformação dessa prática em um evento de grande porte no município. Na obra de Celestino Alves (1986) consta a referência a 1954 como sendo o ano em que realizou-se a primeira vaquejada currais-novense no formato de uma grande festa. Segundo o autor, ela foi idealizada pelo então prefeito Sílvio Bezerra de Melo, por ocasião do Congresso do Algodão, sediado na cidade naquele ano, no qual fizeram-se presentes pessoas com status de autoridade nos âmbitos estadual e nacional, a exemplo do jornalista Assis Chateaubriand, fundador do Diário de Natal. Relata o autor:

Houve um desfile de vaqueiros, onde também desfilou o jornalista Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, encourado, de chapéu de couro, fez um discurso dizendo que também era vaqueiro e capador de bodes, só que era um péssimo montador, montou um dos cavalos mais mansos da região e muito bom, mas quando montou, forçou um pouco na rédea da brida, o cavalo levantou as patas dianteiras, ele escapuliu pela garupa, mas ficou de pé, não caiu propriamente e disse: “o bicho quer subir como um avião” (...). A vaquejada foi muito bem concorrida, com representação de vaqueiros de todo o Estado (Alves, 1986, p. 45).

Vê-se, então, que houve uma movimentação por parte de um membro da elite política para a retomada da prática no formato de um evento festivo, já que, ainda segundo Celestino Alves (1986), anteriormente, não havia acontecido vaquejadas no município por um período considerável, especialmente entre 1940 e a data da vaquejada idealizada por Sílvio Bezerra de Melo. Isso indica uma tendência ao desaparecimento da vaquejada como brincadeira associada ao momento das apartações do gado, com o desaparecimento motivado pela modernização da pecuária na região, já que os fazendeiros estavam cercando suas propriedades. As que continuaram existindo, pelo que consta no relato de Alves (1986), estavam ainda associadas à necessidade de apartar o gado criado conjuntamente na faixa de terra mencionada pelo autor. Entende-se com isso que retomar a vaquejada transformando-a em festa no ano de 1954 foi uma decisão associada às elites locais, pois a ideia partiu do então prefeito de Currais Novos. Dava-se início, naquele momento, à realização da vaquejada como um evento anual no município e, diante desse contexto, é relevante observar com

esse exemplo como as festividades locais podem ser dotadas de usos políticos. Cabe agora analisar o discurso elaborado para justificar o evento como uma tradição, argumentando-se que a imprensa local assumiu um papel relevante nesse processo ao apresentá-lo associando-o à tal noção.

A imprensa local e a elaboração discursiva da vaquejada de Currais Novos como uma tradição

Para Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2007) a imprensa pode ser entendida como força social ativa e, por isso, ao abordá-la na pesquisa histórica, seja como fonte ou objeto, ela deve ser relacionada com o campo de lutas sociais do qual é parte, uma vez que é constituída a partir dele e nele também atua. Faz-se necessário romper com a reprodução das narrativas encontradas nas publicações periódicas como se elas relatassem uma verdade incontestável, problematizando-se uma visão inocente a respeito da fonte. Isso porque, como apontam as autoras, os historiadores perderam a inocência quanto a essa questão, incorporando uma compreensão do documento como monumento e, por isso, ele deve ser entendido como algo carregado de subjetividade e intencionalidade. Desse modo:

Os diversos materiais da Imprensa, jornais, revistas, almanaque, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (Cruz; Peixoto, 2007, p. 258).

Assim, ao realizar a operação de escolha mencionada pelas autoras na citação acima, os historiadores devem voltar sua atenção para as condições de produção dos materiais da imprensa e perscrutar os processos associados à produção de sentido a partir dos quais eles são produzidos. Quanto a esse aspecto, Roger Chartier (1991) chama atenção para a importância de “reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias [sic] são desencarnadas” (Chartier, 1991, p. 180).

A imprensa escrita foi o primeiro meio de comunicação de massa, devendo-se, portanto, considerar os interesses associados ao conteúdo produzido com a finalidade de atingir uma grande quantidade de pessoas, mesmo no caso daquela de circulação local. Isso porque meios de comunicação são empresas que buscam lucro e “não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam,

estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público” (Martins; Luca, 2006, p. 11).

Abordar a imprensa na perspectiva de uma História Cultural envolve ainda reconhecer a importância de representações que ela dissemina sobre o assunto de interesse para o pesquisador. Ou seja, é importante levar em conta como ela elabora e dá a ler determinadas noções e as implicações disso em uma sociedade, visto que o cultural e o social estão relacionados (Chartier, 1988). Como indica Marialva Barbosa (2010), a imprensa torna-se uma fonte relevante porque deixa traços significativos de uma sociedade cujos passos e acontecimentos mais representativos ela pretendeu retratar, além dos traços autorreferenciais. Por conseguinte, estudá-la é “ir além do objeto – o jornal – e tentar descortinar as práticas responsáveis pelas significações das obras. E essas práticas, algumas vezes, estão escritas numa história à margem” (Barbosa, 2010, p. 48).

Nem tudo vira notícia em uma sociedade. As equipes de jornais e revistas selecionam o que publicarão e como o farão. Por isso, a partir das considerações teórico-metodológicas aqui apresentadas, entende-se que estudar o discurso formulado pela imprensa sobre a vaquejada currais-novense implica reconhecer que, em um determinado momento, foi considerado pertinente apresentá-la como um evento tradicional aos leitores para os quais destinavam-se o Diário de Natal e a Revista de Currais Novos. Cabe pensar nos interesses associados a esse discurso, já que qualquer jornal ou revista, mesmo de público mais limitado, “articula-se fortemente no campo da disputa e, assim como a chamada grande imprensa, constitui-se com configurações próprias, como força ativa nos processos sociais” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 269).

Isto posto, parte-se para a análise das fontes. O ano de 1975 foi identificado como momento relevante por tratar-se de uma retomada da vaquejada após um período de pausa em sua realização em Currais Novos, O Diário de Natal anunciava esse retorno (Currais Novos terá carnaval do passado, 1975, n. 9000, p. 4; Igreja prepara para a festa de Santana, 1975, n. 9831, p. 2). O evento passou a fazer parte da programação social das festividades religiosas da padroeira Sant’Ana, realizadas em julho, sendo anunciado como um destaque meses antes de seu início, como verifica-se em um exemplar do dia 16 de janeiro do referido ano. Nele, a notícia de que a vaquejada seria realizada aparece junto à menção de outras medidas do então prefeito Bitamar Bezerra. No início do mês de julho daquele ano, anunciava-se em tom de empolgação que “No Seridó, tudo é festa no mês de julho” (Igreja prepara para a Festa de Santana, 1975 n. 9831, p. 2),

acrescentando-se o destaque sobre a vaquejada na notícia situada em uma das páginas iniciais do jornal. Como pode ser observado na citação a seguir, esse tom de empolgação da divulgação do evento buscava criar uma expectativa nos currais-novenses e visitantes quanto à parte social e recreativa da festa da padroeira:

Os festejos a esta santa são tão arraigados no Nordeste e, particularmente, no Seridó – Caicó e Currais Novos –, que o próprio nome do mês de julho é trocado, chamando-se mês “de Santana”. Na parte social e recreativa, o maior destaque será a vaquejada no parque que está sendo organizado por trás das dependências escolares do Ginásio Agrícola (Igreja prepara a festa de Santana, 1975, n. 9831, p. 2).

O ano de 1975 foi também o de lançamento da Revista de Currais Novos. Ela foi idealizada por empresários locais e lançada no período da festa de Sant’Ana, apresentando-se do seguinte modo: “Esta Revista – idealizada pela Associação Comercial e Clube de Diretores Lojistas – quer ser um marco nas homenagens à Padroeira, comunicando traços de nossa história e fixando a festa de Santana de 1975 nos quadrantes dos anos que virão” (Araújo, 1975, n. 1, p. 3). Formulando esta apresentação e lançando-se no período estratégico de uma festa de padroeira marcada pelo retorno na vaquejada, ela colocava-se para a sociedade currais-novense como um meio de comunicação responsável pela missão de expressar valores de uma identidade local: “Conhecedores que somos de nossa gente e recorrendo à memória dos antepassados no Seridó, reafirmamos – agora – tudo o que significa uma Festa de Santana” (Araújo, 1975, n. 1, p. 3). Observa-se neste trecho autorreferencial o estabelecimento de uma relação direta com a cidade quando a revista coloca-se como porta-voz dessa “gente” de quem os colaboradores consideravam-se “conhecedores”. Assim, mesmo que abordasse entre seus temas um assunto ligado ao passado histórico das antigas fazendas criatórias, como é o caso da vaquejada, esse periódico assumia uma função ligada ao urbano, como é característico da imprensa, pois:

Tal como nós a conhecemos hoje, a imprensa é fundamentalmente produto do urbano na medida em que foi nas cidades que ela encontrou o ambiente favorável (concentração de leitores, disponibilidade de renda, recursos tecnológicos acumulados, mercado de anunciantes, etc.) para emergir e prosperar. Da mesma forma, o urbano e a urbanidade tiram parte das suas características da relação com os meios de comunicação, pois as formas como a cidade é percebida e, mesmo se percebe, são normalmente mediadas pela comunicação massiva (Martins, 2016, p. 393-394).

Buscando compreender o contexto de surgimento dessa revista, é interessante notar o que escrevem Maríllia Graziella Oliveira da Silva, Juciano de Sousa Lacerda e Maria Érica de Oliveira Lima em texto publicado em 2018, no qual discorrem a respeito do histórico currais-novense no tocante à comunicação.

Os autores identificam um perfil histórico-comunicacional em Currais Novos, havendo no município publicações voltadas especialmente para o público local: “quando voltamos o nosso olhar para a mídia, percebemos que, historicamente, Currais Novos sempre teve uma predisposição para a comunicação” (Silva; Lacerda; Lima, 2018, p. 141). Os autores fazem essa afirmação relacionando tal “predisposição” aos avanços materiais proporcionados pelos ciclos econômicos do município, especialmente ao longo do século XX. Tais ciclos, especialmente o da mineração, contribuíram para que ideias progressistas circulassem ali, inclusive, por meio de publicações periódicas. Assim, no caso da Revista de Currais Novos, vê-se que, mesmo ao abordar um tema ligado ao passado rural, trata-se de um periódico com intencionalidades ligadas ao progresso econômico.

No seu primeiro número, a revista enfatiza o retorno na vaquejada em mais de uma sessão, destacando-se a mensagem oficial da Câmara Municipal pela relação com a esfera política, na qual fala-se de uma congratulação “com os promotores desta tradicional realização, quando se afirma, cada vez mais, o pensamento de valorização humana e bem-estar social do povo de Currais Novos” (Câmara Municipal de Currais Novos, 1975, n. 1, p. 17). Já na página 19, assim como o Diário de Natal, ela anuncia o retorno do “esporte sertanejo” como algo que tornaria a festa de Sant’Ana daquele ano mais movimentada, relatando a contratação de um narrador pernambucano especializado chamado Humberto Granja, feita para assegurar o êxito do evento.

A imprensa local escolheu anunciar a retomada da vaquejada apresentando-a aos leitores como um evento tradicional quando ela, na verdade, não era realizada há treze anos e teve seu início como festa em 1954, graças à uma decisão de um membro da elite política local. Por isso, a quinta edição do evento, em 1975, é um momento chave para a compreensão desse discurso. Entende-se que havia a intenção de fomentar o interesse pela festa, que passaria a ser um evento voltado para o âmbito comercial e turístico. Não foi à toa que uma revista idealizada por empresários do município surgiu exatamente nesse momento, destacando a vaquejada entre os temas abordados.

Quanto ao ano seguinte, 1976, infere-se, pela ausência de anúncios no Diário de Natal e pelo fato de não ter sido lançado nenhum número da Revista de Currais Novos, que o evento foi inviabilizado por algum motivo. Inclusive, a notícia sobre a festa de Sant’Ana daquele ano foi inserida nas últimas páginas do jornal, diferente do que ocorreu em 1975, quando os anúncios carregados de entusiasmo

acerca de uma grande festa que contaria com a parte social da vaquejada estavam em destaque, aparecendo nas páginas iniciais dos exemplares.

A edição seguinte da vaquejada currais-novense ocorreu em 1977, retornando com ela a publicação da Revista de Currais Novos. Esse segundo número apresenta um discurso no qual a noção de tradição aparece ainda mais explícita, tanto com relação à vaquejada, bem como na autorreferência que a revista faz, alegando sua intenção de criar uma tradição ao lançar-se no período da festa de Sant’Ana novamente:

Já se tornando uma tradição, a Revista de Currais Novos assinala sua presença neste contexto e chega aos leitores curraisnovenses e a seus visitantes em seu segundo número. Resulta de uma convergência de esforços redacionais e financeiros. Traz desta página em diante a história do município, suas pedras misteriosas, o trabalho das minerações e empresários, os fatos destacados em sociedades, a educação das crianças, o Potyguar F.C., a VI Vaquejada e tudo quanto há de mais significativo na comunidade (O sentido desta revista, 1977, n. 2, p. 1).

Como nota-se no texto de apresentação, a vaquejada é citada como uma das coisas significativas do município cobertas pelo periódico, apresentando-se na página 14 os detalhes do evento daquele ano, acompanhados por uma introdução na qual apresenta-se o “esporte sertanejo” como uma “tradição popular”. Além disso, alegava-se, como em 1975, que a edição daquele ano seria novamente o ponto alto da festa da padroeira. Outro ponto interessante informado é o apoio explícito que o evento recebeu da imprensa local, nesse caso, dos jornais Diário de Natal e O Poti (o segundo sendo a edição dominical do primeiro), além da Rádio Poti. Tal informe conferia a essas empresas prestígio social por contribuírem com a realização da festa.

O número de 1977 da Revista de Currais Novos também situa os informes sobre a vaquejada em uma posição estratégica para conferir-lhe o caráter de tradição. Nesse caso, trata-se da página seguinte à matéria que a revista inicia na página 11, tratando da história do município. A matéria intitulada “Biografia de Currais Novos antigo” apresenta um texto no qual a história local é abordada de forma resumida, algo comum em revistas pelo fato destas se caracterizarem como “veículo de proposta ligeira, condensada, intermediária entre o jornal e o livro, mais fácil que ambos” (Martins, 2008, p. 66). Nela, inicia-se abordando exatamente a atividade pecuarista que passou a ser desenvolvida na Fazenda Currais Novos, de Cipriano Lopes Galvão e Adriana de Holanda de Vasconcelos, em torno da qual o município surgiu. Ao discorrer sobre a vaquejada após abordar o histórico municipal ligado à criação de gado, cria-se a impressão de que a festa seria uma sucessão natural das antigas práticas de apartação que ocorriam em fazendas

como aquela a partir da qual desenvolveu-se a cidade. Uma chave importante para entender a elaboração desse discurso está, portanto, na associação do evento com o ciclo do gado que seria um marco na história do município, disseminando-se assim a noção de que os currais-novenses teriam uma identidade associada a esse passado. A defesa dessa noção contribuiu para fortalecer o discurso de que a vaquejada em Currais Novos seria especial, associada à uma identidade local.

O Diário de Natal, no ano de 1977, também voltou a abordar com entusiasmo o evento que, como visto, estava patrocinando. O jornal anunciou em 17 de junho as normas gerais da sexta Vaquejada de Currais Novos na sessão de notícias do Seridó, além de apresentar um anúncio de destaque na mesma página para o evento, no qual descreve a derrubada do boi como a festa do sertanejo. O anúncio apresenta as informações sobre os organizadores, o local de realização e a imagem de um vaqueiro derrubando o boi, dirigindo-se diretamente ao leitor, convidando-o.

Esse convite repete-se nos números seguintes, até a realização do evento. Em 02 de julho, o jornal destacou que a cidade tinha o maior parque de vaquejadas do Rio Grande do Norte naquele momento, referindo-se ao parque do Ginásio Agrícola, com 1500 metros de comprimento, atribuindo relevância ao evento também ao noticiar a ampla cobertura midiática que ele teria. Por uma notícia de 12 de outubro do mesmo ano, meses após a realização anual da festa, nota-se a intenção de destacar que, a partir de então, a vaquejada currais-novense estaria consolidada como um evento anual, anunciando-se a preocupação com o que seria feito com o parque de vaquejadas, cuja estrutura estaria sendo prejudicada pelas ventanias. Nessa notícia, já começava-se a abordar a realização da vaquejada do ano seguinte, indicando-se a intenção dos organizadores quanto a reformulá-la.

Pelo exposto, argumenta-se que é possível relacionar o processo de transformação da antiga prática da derruba na atual vaquejada com a noção de “tradição inventada”, defendida pelo historiador britânico Eric Hobsbawm (2008). No caso da organização da vaquejada currais-novense como um evento festivo, percebe-se que, apesar de inspirada em uma antiga prática do cotidiano dos vaqueiros nordestinos, também houve uma construção no sentido de instituí-la como uma tradição. Essa construção contou com a elaboração discursiva ora analisada e pode, como visto, ser localizada em um determinado momento da história currais-novense, especialmente a segunda metade do século XX.

Veja-se ainda o fato de que, afirmando-se desde seu início como tradição por remeter a esse passado dos vaqueiros nordestinos, o evento ainda apresenta

a característica de estabelecer uma continuidade artificial com um determinado passado histórico. Trata-se de algo comumente observado nos processos de invenção de tradições, como aponta Hobsbawm ao destacar o interesse em estabelecer uma noção de continuidade, ainda que de maneira artificial:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento a partir da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado. (...) O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo. (...) Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatoria (Hobsbawm, 2008, p. 9-10).

A respeito dos valores e normas de comportamento mencionados por Hobsbawm (2008), veja-se que vaquejada foi idealizada para ser uma festa dita tradicional a partir de decisões em prol de torná-la um evento renomado para fins de atração turística, criando-se um valor identitário para justificá-la e valorizá-la. Tal justificativa e valorização foi feita atendendo demandas das esferas econômica e política locais. Quanto ao motivo desse interesse, pode-se pensar a partir de um questionamento pertinente feito por Néstor García Canclini (2011) em sua obra “Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade”, na qual reflete acerca da atração por referências ao passado por parte dos promotores da modernidade que, em contradição a isso, a anunciam como superação do antigo e do tradicional. Ao final do século XX, período da publicação original do mencionado trabalho, o autor ressaltou o contexto que enxergava na América Latina, onde “as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar” (Canclini, 2011, p. 17), indicando como a ideia de modernização passou a ser apregoada por setores da política, economia e publicidade, em contrapartida a esse contexto de tensão com o dito tradicional. Para ele, existe, nesse caso, uma incerteza sobre o sentido e o valor da modernidade que pode ser explicada, entre outros fatores, pelos cruzamentos socioculturais nos quais misturam-se o tradicional e o moderno. Esse processo vai além de estratégias das instituições e dos setores hegemônicos, constituindo também o que o autor chama de “reestruturação econômica e simbólica” por parte de agentes que buscam adaptar-se à vida urbana. Nesse sentido, pode-se argumentar que as iniciativas políticas e econômicas que tornaram a vaquejada currais-novense um evento de

grande porte com potencial turístico para o município estão relacionadas à uma busca pelo desenvolvimento econômico local, o qual faz uso de um apego ao que é dito como tradicional e o adapta à realidade urbana para outras finalidades. Como visto ao discorrer sobre o conteúdo da Revista de Currais Novos, havia no período ora abordado meios que propalavam no município a noção de uma vinculação identitária com o passado rural ligado à pecuária a partir da qual ele surgiu. Assim, o evento da vaquejada surgiu ligado a esse discurso, buscando agradar uma população que era estimulada a entender-se como parte de uma história vinculada à essa prática.

Note-se que a repetição anual, no período da festa da padroeira local, pode ser entendida como uma estratégia para a manutenção de uma constância, levando em conta que a “invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição” (Hobsbawm, 2008, p. 12). Como destaca ainda Hobsbawm (2008), o uso de elementos antigos pode ser feito na elaboração de novas tradições que são inventadas com finalidades originais: “Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas” (Hobsbawm, 2008, p. 14).

Na obra “Valeu boi! O negócio da vaquejada”, Eriosvaldo de Lima Barbosa (2006) defende que a atual vaquejada não é sobrevivência do passado, nem invenção exclusiva do presente. Para ele, trata-se de algo que encontra legitimidade no passado para sua redefinição no presente, como uma bricolagem – feita no presente, a partir de pedaços do passado. No presente estudo, entende-se que, pensá-la como uma tradição inventada que contou com uma significativa elaboração discursiva, é exatamente reconhecer esses aspectos mencionados pelo autor. Isso porque a antiga derruba não necessariamente precisaria ter seguido a direção de tornar-se uma festa à qual atribui-se a característica de tradicional, uma vez que, na verdade, a prática estava desaparecendo à medida que as fazendas de gado se modernizavam. A vaquejada tornou-se o que é hoje devido às escolhas carregadas de intencionalidades que a tornaram possível, pois a definição do que é tradição para uma sociedade não é espontânea. Pelo contrário, é fruto de escolhas nada inocentes.

Considerações finais

O trabalho demonstrou que a noção de tradição associada à vaquejada currais-novense tem uma história. Essa pode ser contada a partir de fontes da imprensa local que, conforme demonstrou-se, colaborou ativamente com a elaboração dessa noção ao disseminá-la em suas publicações. Certamente, outras fontes podem ser abordadas em trabalhos futuros, possibilitando compreender como esse discurso foi elaborado por meio de diferentes linguagens, a exemplo da literatura, da música e de obras folcloristas.

Nos debates atuais a respeito da vaquejada, em meio aos quais deu-se sua regulamentação como prática esportiva em 2019, um argumento constante é o de que ela seria uma “tradição nordestina”, como pode-se observar, por exemplo, no texto completo da matéria jornalística publicada em 2016 pelo site G1, citada na introdução deste trabalho. Vê-se com isso a importância de situar historicamente como tal evento, voltado para fins comerciais e turísticos, ancora-se nesse discurso, criado a partir de interesses econômicos e políticos. Como já citado ao mencionar as discussões realizadas por Eric Hobsbawm (2008), trata-se de identificar, com o estudo de uma tradição inventada, os problemas de uma época.

Cabe reforçar, por fim, a conclusão principal do estudo: uma vez que o surgimento da vaquejada no formato atual e sua continuidade ancoram-se em uma referência ao passado que é evocado para justificá-la, esse aspecto a caracteriza como tradição inventada. Nota-se a partir desse exemplo a relevância de estudos sobre o processo de invenção das tradições. Afinal, como mostra o caso aqui abordado, a compreensão desses aspectos possibilita o entendimento sobre as questões culturais, políticas e sociais em evidência em um determinado período, além de auxiliarem a esclarecer a respeito das relações humanas com o passado, já que as tradições inventadas costumam utilizar a história para legitimar-se.

Referências

- ALVES, Celestino. **Vaqueiros e Vaquejadas**. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1986.
- ARAÚJO, Radir Pereira de. Nossa mensagem fraterna. **Revista de Currais Novos**. Currais Novos, jul. 1975, n. 1, p. 3.
- BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu boi! O negócio da vaquejada**. Teresina: EDUFPI, 2006.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa (Brasil 1800-1900)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- CÂMARA MUNICIPAL DE CURRAIS NOVOS. **Revista de Currais Novos**. Currais Novos, jul. 1975, n. 1, p. 17-19.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 26 jan. 2025.
- CONHEÇA TODOS OS DETALHES DA VI VAQUEJADA DE CURRAIS NOVOS. Revista de Currais Novos. Currais Novos, jul. 1977, n. 2, p. 14.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 07 ago. 2023.
- CURRAIS NOVOS TERÁ CARNAVAL DO PASSADO. **Diário de Natal**. Natal, 16 jan. 1975, n. 9000, p. 4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=%22Currais%20Novos%20ter%C3%A1%20carnaval%20do%2opassado%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=14795. Acesso em: 24 abr. 2025.
- FARIA, Eloísa Maria de. **Estudo da vaquejada inserida no contexto sertanejo rural: o vaqueiro**. 1993. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1993. Disponível em: <http://www.repositorylabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/202> . Acesso em: 09 ago. 2023.
- HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 9-23.
- IGREJA PREPARA A FESTA DE SANTANA. **Diário de Natal**. Natal, 03 jul. 1975, n. 9831, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=%22Igreja%2oprepara%20a%20Festa%20de%20Santana%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=16346. Acesso em: 24 abr. 2025.

JÚNIOR, Janary. Nova lei regulamenta vaquejada e rodeio; texto prevê proteção a animais: em relação à vaquejada, será preciso ainda assegurar água e alimentação suficiente, assim como um local apropriado para descanso. **Agência Câmara de Notícias**. Brasília, set. 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/586617-nova-lei-regulamenta-vaquejada-e-rodeo-texto-preve-protecao-a-animal>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP, 2008.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. Cidades representadas: uma reflexão acerca dos estudos sobre imprensa e cidade no Brasil do pós-guerra. **História: debates e tendências**, Passo Fundo, v. 16, n. 2, p. 393-407, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/6926>. Acesso em: 08 ago. 2023.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2007.

NOTÍCIAS DO SERIDÓ. **Diário de Natal**. Natal, 17 jun. 1977, n. 10332, p. 15. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=%22Vaquejada%20de%20Currais%20Novos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22889. Acesso em: 24 abr. 2025.

NOTÍCIAS DO SERIDÓ. **Diário de Natal**. Natal, 02 jul. 1977, n. 10346, p. 15. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=%22Vaquejada%20de%20Currais%20Novos%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23089. Acesso em: 24 abr. 2025.

NOTÍCIAS DO SERIDÓ. **Diário de Natal**. Natal, 12 out. 1977, n. 10422, p. 15. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=vaquejada%20de%20currais%20novos&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=24045. Acesso em: 28 abr. 2025.

O SENTIDO DESTA REVISTA. **Revista de Currais Novos**. Currais Novos, jul. 1977, n. 2, p. 1.

SILVA, Maríllia Graziella Oliveira da; LACERDA, Juciano de Sousa; LIMA, Maria Érica de Oliveira. O pioneirismo da cidade de Currais Novos/RN no cenário televisivo da região Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 134-150, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/7294>. Acesso em: 09 ago. 2023.

VAQUEIROS OCUPAM ESPLANADA EM ATO CONTRA PROIBIÇÃO DE VAQUEJADAS. **G1 DF**. Brasília, 25 out. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/10/vaqueiros-ocupam-esplanada-em-ato-contra-proibicao-de-vaquejadas.html>. Acesso em: 14 ago. 2023.